

me fazer sombra”, diz FHC

to Magela

HELENA CHAGAS

“Eu não colocaria no Ministério da Fazenda ninguém que me faça sombra. No meu governo, não vou deixar ninguém ser o que eu fui no governo Itamar”. A frase, dita pelo presidente eleito Fernando Henrique Cardoso a um amigo, resume com perfeição um estilo que começou a se delinear nos últimos dois meses e vai dominar a Esplanada dos Ministérios nos próximos quatro anos, surpreendendo amigos, arrancando elogios de adversários e deixando políticos à beira de um ataque de nervos. Nas articulações para formação de seu governo, Fernando Henrique revelou um presidente centralizador, que faz questão de fiscalizar tudo, auto-suficiente, que só aceita palpites quando pedidos, e sepultou de vez a imagem de político cordial que não sabia dizer “não”. Sem dúvida, um susto para muita gente.

As articulações para escolha de seu ministério foram, talvez, o melhor exemplo do novo “estilo Fernando Henrique de ser”. O senador acessível deu lugar ao presidente fechado, que impôs a assessores e aos poucos aliados bem-informados uma férrea lei do silêncio. Na semana passada, alguns “ministros” dados como presença certa na equipe não tinham sido convidados. Festejado como ministro da Previdência, o pefelista Reinhold Stephanes só teve oportunidade de encontrar FHC num almoço social e não tinha recebido qualquer convite formal. Um dos ministros em po-

tencial disse a um amigo que é preciso ter nervos de aço para suportar a metodologia de Fernando Henrique. O presidente eleito conversa com o interlocutor sobre vários assuntos e, simpaticamente, diz: “Quero contar com você no governo”. E nada mais.

Sem conversa — “Eu prefiro não saber de nada”, dizia o senador e amigo chegado de Fernando Henrique, José Richa, na semana passada, mostrando que até entre tucanos o ministério era um mistério. A não ser pelos envolvidos diretamente na formação do governo e por uns poucos interlocutores de cada partido, os políticos têm sido mantidos a uma distância regulamentar. “Nós quase não conversamos sobre esse assunto (ministério). O presidente não conversa, então nós não temos muito o que conversar”, dizia o senador Guilherme Palmeira (PFL-AL) na semana passada, depois de um jantar em que esteve reunida a cúpula de seu partido. Palmeira fez questão de ressaltar que FHC “tinha que fazer isso mesmo”, para afastar as pressões.

O estilo Fernando Henrique está permitindo ao presidente eleito fazer aquilo que todos os anteriores fizeram — nomear um ministério levando em conta critérios políticos — sem dar a impressão de que está loteando cargos. Há semanas, Fernando Henrique anunciou aos quatro ventos que não aceitaria listas ou indicações de políticos para o ministério. Bem que elas estão aparecendo e sendo até solicitadas — como os quatro nomes baianos su-

geridos por Antônio Carlos Magalhães —, mas tudo está sendo feito de maneira discretíssima, para dar a impressão de que foi Fernando Henrique quem escolheu.

Mas mesmo ACM, consultado também na escolha de Adib Jatene para Saúde e tratado com reverência, teve que aceitar a indicação do tucano Sérgio Motta para o Ministério das Comunicações como um fato consumado. A indicação de Motta para a pasta tradicionalmente comandada pelo PFL de ACM chegou a gerar certo constrangimento no almoço do presidente eleito com as bancadas e a cúpula pefelista na terça-feira da semana passada. ACM e Motta chegaram a se olhar de maneira desconfiada e foi preciso a intervenção do presidente pefelista Jorge Bornhausen e do líder Luís Eduardo para descontrair o ambiente.

Collor — Se o estilo frio de FHC evitou os dissabores de transformar a corrida presidencial num mercado persa, tem gerado também muitas reclamações e pode atrapalhar a formação de uma base parlamentar no Congresso. “Esse distanciamento é um erro muito grave”, alerta o deputado pefelista Humberto Souto (MG), reclamando que é aliado do novo governo mas não tem a menor idéia de quais são os planos de Fernando Henrique. “O que ele vai fazer?”, indaga.

Assim como Souto, alguns pefelistas reclamam que falta uma engrenagem no esquema de relacionamento com os políticos.